

Angela Davis e o chamado a “organizar a esperança” no movimento negro brasileiro

Professora emérita da Universidade da Califórnia, a ativista falou para milhares em sua passagem pelo Brasil, conectou-se com diferentes gerações do movimento negro e foi ouvir as mulheres

[\(El País, 01/11/2019 - acesse no site de origem\)](#)

“Em meio a tantas mortes e de tantas dificuldades, acho que é o momento de celebrar a vida”, disse [Conceição Evaristo](#) no palco do Cine Odeon, no [Rio de Janeiro](#). “Fico muito feliz porque eu e [Angela Davis](#) estamos cheias de fé, cheias de potência”, seguiu a escritora mineira. A frase levantou, de novo, os aplausos da plateia na quinta-feira, 24 de outubro. Fez Davis, a poucas cadeiras de distância, abrir mais uma vez o sorriso amplo, em seu derradeiro compromisso na mais recente temporada no Brasil.

Vestidas ambas de azul e amarelo, Davis, 75, e Evaristo, 73 anos, atuavam como espelhos para o movimento negro nas últimas décadas, especialmente para as mulheres negras —nos [Estados Unidos](#) e no Brasil. A conexão entre elas se mostrou no palco e avançou em suas histórias décadas atrás para servir de farol para as meninas negras. A escritora mineira contou como uma foto de Davis, colada “na parede na favela”, havia inspirado ela e suas amigas a aderir [ao cabelo black power](#) nos anos 70. Contou também como mulheres negras, nos anos 30, muito antes da Davis pantera negra nos EUA, lutaram organizadas em mutirão para não ser excluídas do trabalho na lavoura na grande Belo Horizonte.

No palco, a professora emérita do departamento de estudos feministas Universidade da Califórnia e referência global, acentia. Momentos antes, havia discursado: “A era de surgimento de movimentos como *Black lives matter* e [Me too](#) é realmente uma época maravilhosa para ser jovem, porque os jovens estão assistindo ao desmoronamento de uma série de regras

estabelecidas ao longo do tempo para governar, controlar o comportamento humano”, pregou. “Ao mesmo tempo, é uma época maravilhosa para ser velha, porque percebemos que o trabalho desenvolvido ao longo de tantas décadas faz diferença. A intergeracionalidade dá significado à longevidade.”

No Odeon, Angela Davis fez questão de lembrar das outras vezes em que havia se encontrado com [Conceição Evaristo](#) no Brasil. Como em outros momentos na série de conferências, falou do [assassinato da menina Ágatha](#) pela polícia do Rio em setembro, fez referências às dificuldades políticas do Brasil de Jair Bolsonaro e Wilson Witzel. Era também um movimento nítido de aprofundar a conexão e rejeitar a imagem de *pop star* visitante, reforçada nos últimos dias com as concorridas conferências públicas em [São Paulo](#) e no Rio. Na capital fluminense, havia aberto o Encontro de Cinema Negro Zózimo Bulbul, também com transmissão para a Cinelândia. No auditório do Ibirapuera, amplificada por um telão gigante, havia falado para 15.000 pessoas dias antes. “Olhem para as mulheres negras do Brasil”, pediu em São Paulo, e chamou para si a responsabilidade de fazer circular no mundo rico as ideias e a produção de feministas negras brasileiras, [como Lélia Gonzalez \(1935-1984\)](#).

Foi também no palco do Odeon que Davis evocou [Marielle Franco](#), ungiu a vereadora assassinada em 2018 como símbolo de uma agenda que não pode ser aniquilada. Imaginou-se amiga de Marielle, fazendo toda a plateia pensar no poder que emergiria de uma maior conexão das mulheres negras espalhadas pela diáspora provocada pela escravidão. “Muitas das minhas camaradas tombaram durante a luta. Acredito que seja minha responsabilidade testemunhar em homenagem aos que não estão mais entre nós. E afirmar que se permanecermos na luta, eventualmente, alcançaremos a vitória”, pregou.



Davis na conversa com os ativistas brasileiros em São Paulo. Foto: Coalizão Negra.

Ela terreirizou os espaços

A força da união entre Angela Davis e Conceição Evaristo e as citações de Marielle Franco no Rio foram o sinal mais público de que a norte-americana havia, de fato, *terreirizado* tudo por onde passou. Terreirizar, nas palavras do historiador Luiz Antonio Simas, é imantar os espaços com nossa identidade. Foi esse encantamento e desejo ativo de tecer pontes que Davis levou ao encontro fechado com ativistas de diferentes matizes da [Coalizão Negra por Direitos](#) —entre eles, nós do PerifaConnection— durante a passagem por São Paulo.

Davis fez questão de participar de um encontro de trabalho, na sede do Geledés - Instituto Mulher Negra. De novo, a militante se sobressaía para rejeitar a *pop star*. Na reunião com mais de 30 pessoas de várias entidades e gerações, acordou-se ação permanente para protestar contra a exploração pelos norte-americanos da base espacial de Alcântara, território quilombola no Maranhão onde vivem 800 famílias. “Na tática, a Coalizão é bem parecido com o *Black Lives Matter*”, comparou Davis, citando o movimento norte-americano contra a violência que atinge os negros. Infuente na cena norte-

america, a filósofa se ofereceu para manter contato com a rede brasileira e pensar o “movimento da diáspora contra o racismo”.

“Podemos errar e, tudo bem, mais importante é organizar a nossa esperança”

No Rio, ela também teve encontro privado com mulheres negras, um grupo que incluía parlamentares, como Erica Malunguinho, mas também Vilma Reis, que foi ouvidora da Defensoria Pública da Bahia ou Lúcia Xavier, diretora da ONG Criola. A tônica foi defender uma revolução cotidiana que não perdesse de vista a utopia de uma democracia racial. No horizonte, cobrar uma reparação histórica da escravidão não restrita ao Estado brasileiro, mas que incluía uma ação política antirracista da própria sociedade.

Angela Davis se despediu de sua nova visita ao país deixando um chamado a todas e todos nós, mas principalmente negros que disputam o futuro. A convocatória é para preservar a memória da vida e buscar urgentemente outros significados para os corpos negros. Se democracia nunca chegou para as pessoas negras, o poder que nós queremos construir não pode residir no passado e nos retrocessos, mas tem que mirar a criação da agenda política do futuro. A “ancestral contemporânea” norte-americana, uniu num fio Nilmas Bentes, a histórica ativista paraense, [a parlamentar trans Erica Malunguinho](#) e a novíssima jornalista Isabela Reis, que resumiu nas redes sociais: “Sobre o peso de nosso tempo, Angela colocou para todos nós da nova geração: ‘Podemos errar e, tudo bem, mais importante é organizar a nossa esperança’”.

Por Thuane Nascimento e Jefferson Barbosa

Angela Davis: ‘Quando as mulheres negras forem finalmente livres, o mundo será livre’

Em coletiva de imprensa, a lendária filósofa norte-americana falou sobre eleições nos Estados Unidos, o combate ao racismo e exaltou feminismo negro brasileiro.

[\(HuffPost, 21/10/2019 - acesse no site de origem\)](#)

[Angela Davis](#), 75, filósofa e ativista norte-americana, acredita ser impossível escolher apenas uma categoria de luta — entre feminismo, antirracismo, anticapitalismo ou abolicionista — que defina seu ativismo. “Não acredito que seja saudável escolher uma luta e dizer que é mais importante do que outra, mas sim, em reconhecer como as diferentes lutas se conectam”, afirmou a jornalista na manhã desta segunda-feira (21), em coletiva de imprensa no Auditório Ibirapuera, em São Paulo.

A convite da editora Boitempo, a ativista está no Brasil para lançar o livro *Uma Autobiografia*, publicado originalmente em 1974 e que, em 2019, foi finalmente traduzido para o português. Davis também participou do evento “Democracia em Colapso?”, promovido pela mesma editora e pelo Sesc São Paulo, em que ministrou a conferência sob o título “A liberdade é uma luta constante”.

“Eu não posso ser uma militante antirracista sem pensar na dimensão heteropatriarcal do racismo. Eu não posso ser feminista sem reconhecer o papel que o capitalismo e o racismo tiveram em moldar o patriarcado”, completou. Em seguida, exaltou a feminista brasileira **Lélia Gonzalez**, morta em 1994 que, segundo ela, já pensava o conceito de interseccionalidade em seus estudos e teorias muito antes do termo aparecer e ganhar popularidade.

Esta é a primeira vez que Angela Davis vem à capital paulista. Das oito vezes

em que veio o Brasil, visitou apenas Salvador (BA), Goiânia (GO), São Luiz (MA) e Brasília (DF). Assim como nas outras oportunidades, ela escolheu não dar entrevistas individuais a jornalistas, mas sim, proporcionar uma coletiva de imprensa e palestras gratuitas.

Na noite desta segunda-feira (21), “Ms. Davis” — apelido dado carinhosamente a ela — repetirá a conferência ministrada no último sábado (19), desta vez no Auditório Ibirapuera, em São Paulo, com capacidade de 15 mil pessoas. O evento é gratuito, aberto ao público e está previsto para começar às 19h.

Davis encerrará sua vinda ao Brasil no Rio de Janeiro, na próxima quinta-feira (23). A escritora receberá a Medalha Tiradentes, uma homenagem da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj) por sua trajetória. A iniciativa é da deputada Renata Souza (PSol-RJ), [1ª mulher negra no comando da Comissão de Direitos Humanos da Alerj](#).

Nesta data, a ativista também fará conferência aberta ao público no Cine Odeon, durante abertura do encontro de Cinema Negro Zózimo Bulbul: Brasil, África e outras diásporas, considerado o maior evento audiovisual destinado para negros da América Latina. Haverá um telão voltado para a Cinelândia e a palestra será transmitida nas redes sociais.

“Estou extremamente impressionada com a profundidade do trabalho realizado no Brasil. Para muitos de nós [ativistas norte-americanos], o Brasil era um uma esperança, até que vieram as eleições, e nós prometemos não pronunciar o nome de quem foi eleito. Porque na tradição das religiões africanas nomear é atribuir energia de poder”, completou. Na palestra de sábado (19), ela não mencionou os presidentes [Jair Bolsonaro](#) e [Donald Trump](#) nominalmente.

“Mas continuo me impressionando e sentindo muita esperança sempre que venho ao Brasil. Sinto um impulso coletivo aqui, principalmente entre os jovens, entre as jovens mulheres negras”, adicionou, em tom otimista. No último domingo (20), Angela Davis visitou acampamento das mulheres do Movimento Sem Teto do Centro (MSTC) e conheceu a ativista Preta Ferreira, que estava presa até o último dia 10 de outubro, após denúncia do [Ministério](#)

[Público que acusava ativistas por moradia de associação criminosa e extorsão.](#)

Ainda na conversa com jornalistas na manhã desta segunda, Davis falou sobre sua aproximação com a luta **LGBT** e citou que, recentemente, esteve com a deputada estadual **[Erica Malunguinho \(PSol-SP\)](#)** e se emocionou com o trabalho dela. Em 2020, a editora Boitempo planeja lançar o *O significado da liberdade*, novo livro de Davis, que traz artigos dentro desta temática.

“Eu acho que nenhum outro país já elegeu uma mulher negra e trans como deputada oficialmente. Eu fiquei muito comovida ao ouvir sobre o trabalho que ela tem feito (...). Aqueles de nós que vêm trabalhando contra a violência do Estado, a violência policial, a violência carcerária, temos que reconhecer que as mulheres negras trans são os alvos mais consistentes de violência”, pontuou.

Para a filósofa, o combate à violência de gênero precisa focar nas mulheres negras trans porque “quando [todas] as mulheres negras forem finalmente livres, isso significará que o mundo será livre”, disse. “Quando falamos ‘vidas negras importam’ não estamos falando de um grupo específico, estamos falando de humanidade. E o mesmo argumento se aplica à comunidade trans.”

“Esta é uma das mais importantes dimensões do feminismo. Nós não falamos somente sobre interconexões e interseccionalidade. Nós reconhecemos que ao falarmos sobre uma questão aparentemente pequena, afetamos o todo. E isso faz parte do entendimento de lutar por liberdade e justiça para todos.”

Precisamos fazer mais do que eleger um presidente. Queremos tirar Trump, mas isso não vai resolver os problemas mais profundos.

A professora da Universidade da Califórnia ainda confessou estar entusiasmada com o crescimento da popularidade de políticos socialistas nos Estados Unidos, principalmente entre jovens, como o senador e pré-candidato à Presidência **[Bernie Sanders](#)** e a deputada **[Alexandria Ocasio-Cortez](#)**.

Davis, que concorreu à vice-presidência dos EUA pelo Partido Comunista em 1980 e 1984 afirmou que “é muito empolgante ver um número tão grande de jovens indo em direção ao anticapitalismo”, mas que é preciso um movimento radical de transformação. “Precisamos fazer mais do que eleger um presidente. Queremos tirar Trump, mas isso não vai resolver os problemas mais profundos”, disse na segunda-feira.

E como combater o racismo que se manifesta atualmente em novas formas e roupagens? “O racismo nunca permanece o mesmo. Mas as estruturas [sociais] permitem que o racismo do passado tenha ressonância ainda hoje”, disse a ativista, ao pontuar que os efeitos da escravidão não desapareceram. “Vamos começar agora o que deveria ter sido feito um século e meio atrás. Este é só o começo. É muito empolgante. E antes de tudo, não podemos parar.”

O ativismo de Angela Davis

WANTED BY THE FBI

INTERSTATE FLIGHT - MURDER, KIDNAPING ANGELA YVONNE DAVIS

FBI No. 867,615 G

Photograph taken 1969

Photograph taken 1970



Alias: "Tamu"

DESCRIPTION

Age:	26, born January 26, 1944, Birmingham, Alabama	Eyes:	Brown
Height:	5'8"	Complexion:	Light brown
Weight:	145 pounds	Race:	Negro
Build:	Slender	Nationality:	American
Hair:	Black		
Occupation:	Teacher		
Scars and Marks:	Small scars on both knees		


Fingerprint Classification: 4 M 5 Ua 6
I 17 U

CAUTION

ANGELA DAVIS IS WANTED ON KIDNAPING AND MURDER CHARGES GROWING OUT OF AN ABDUCTION AND SHOOTING IN MARIN COUNTY, CALIFORNIA, ON AUGUST 7, 1970. SHE ALLEGEDLY HAS PURCHASED SEVERAL GUNS IN THE PAST. CONSIDER POSSIBLY ARMED AND DANGEROUS.

A Federal warrant was issued on August 15, 1970, at San Francisco, California, charging Davis with unlawful interstate flight to avoid prosecution for murder and kidnaping (Title 18, U. S. Code, Section 1073).

IF YOU HAVE ANY INFORMATION CONCERNING THIS PERSON, PLEASE NOTIFY ME OR CONTACT YOUR LOCAL FBI OFFICE. TELEPHONE NUMBERS AND ADDRESSES OF ALL FBI OFFICES LISTED ON BACK.


DIRECTOR
FEDERAL BUREAU OF INVESTIGATION
UNITED STATES DEPARTMENT OF JUSTICE
WASHINGTON, D. C. 20535
TELEPHONE, NATIONAL 8-7117

Entered NCIC
Wanted Flyer 457
August 18, 1970

Documento policial com os dados de Angela Davis quando de sua prisão, em 1970. “Considere possivelmente armada e perigosa”, dizia ficha policial.

Desde os anos 1980 Angela Davis faz constantes visitas ao Brasil. “As pessoas me perguntam: ‘Você já esteve no Rio?’ Não. ‘Você já esteve em São Paulo?’ Não. Mas estive em Salvador e de novo e de novo”, disse, ao iniciar palestra na UFBA (Universidade Federal da Bahia), em 2017, sua última visita ao País. Em 2019 é a primeira vez que Davis visita São Paulo e, também, Rio de Janeiro.

Na ocasião, em 2017, a presença da ativista, que é referência mundial no enfrentamento antirracista e do pensamento feminista, fez parte do evento “Julho das Pretas”, que promoveu atividades organizadas por coletivos.

A filósofa e ex-presa política ministrou a conferência “Atravessando o tempo e construindo o futuro da luta contra o racismo”. Com mais de 400 alunos e convidados, o salão nobre da reitoria da UFBA atingiu sua capacidade máxima.

Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela.

“Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela, porque tudo é desestabilizado a partir da base da pirâmide social onde se encontram as mulheres negras, muda-se isso, muda-se a base do capitalismo”, disse no evento na reitoria da UFBA.

Na década de 70, Angela Davis integrou um braço do grupo Panteras Negras nos Estados Unidos e foi membro do Partido Comunista. Ela foi presa injustamente e ficou mundialmente conhecida pela mobilização da campanha “Libertem Angela Davis”, [que deu nome ao documentário, dirigido por Shola Lynch, que traz um retrato do ativismo de Davis até os dias atuais.](#)

Atualmente, Davis é professora emérita do departamento de estudos feministas da Universidade da Califórnia, nos Estados Unidos e desenvolve trabalho intenso sobre o sistema prisional norte-americano.

Angela Davis confirma participação no Encontro Nacional de Mulheres Negras em Goiânia

A ativista estadunidense participará da abertura do evento e de mesas de debates que serão instaladas até domingo (09/12)

Angela Yvone Davis, filósofa e ícone da luta pelos direitos civis nos EUA e no mundo, é presença garantida no Encontro Nacional de Mulheres Negras 30 anos, que acontece em Goiânia, de 6 a 9 de dezembro. Para Davis, “quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”. Na capital de Goiás, serão mais de mil ativistas negras mobilizadas em torno dos debates norteados pelo slogan ‘Contra o Racismo e a Violência e Pelo Bem Viver - Mulheres Negras Movem o Brasil’.

Professora emérita do Departamento de Estudos Feministas da Universidade da Califórnia, Davis trará contribuições importantes às reflexões propostas para o Encontro. Davis traz para o encontro sua expertise, suas vivências, pesquisas e a própria história de vida, para contribuir com as reflexões das mulheres negras brasileiras pela manutenção e conquista de direitos e pela convergência de esforços no embate a todas as formas de opressão e submissão do segmento. Uma das participações mais esperadas, a ativista estará na abertura, dia 6, e em debates que serão instalados até domingo (9/12).

Autora de vários livros, entre os quais “Mulheres, Cultura e Política” e “Mulheres, Raça e Classe”, Angela Davis tem a obra marcada por um

pensamento que visa romper com assimetrias sociais. Ela defende a necessidade de refletir sobre as intersecções entre raça, classe e gênero, de forma a perceber que entre essas categorias existem relações que são mútuas e outras que são cruzadas. “É preciso compreender que classe informa a raça. Mas raça, também, informa a classe. E gênero informa a classe”, diz.

Angela Davis integrou o Partido Comunista dos Estados Unidos, tendo sido candidata a vice-presidente da República em 1980 e 1984. Atuou próxima ao Black Panther Party (Partido Panteras Negras), foi presa na década de 1970 e ficou mundialmente conhecida pela mobilização da campanha Free Angela Davis (Libertem Angela Davis).

O Encontro - A atividade em Goiânia é um conagraçamento pelos 30 anos de realização do I Encontro na cidade de Valença, Rio de Janeiro. É, também, uma oportunidade de reafirmação da autonomia das mulheres negras do campo e da cidade, das periferias, quilombolas, religiosas de matriz africana, trabalhadoras domésticas, jovens e de todas as idades. O Encontro foi aprovado, por aclamação, pelas organizações de mulheres negras participantes do Fórum Permanente de Mulheres Negras: Avaliação dos 30 Anos do Encontro Nacional de Mulheres Negras, realizado em março deste ano, no âmbito do 13º Fórum Social Mundial em Salvador, Bahia.

Desde março deste ano, as ativistas estão realizando atividades prévias nos seus estados e atualizando a leitura de como estão os seus direitos nos lugares onde vivem e em todo o país. O enfrentamento das violências urbanas, a garantia de direitos sexuais e reprodutivos, o embate ao epistemicídio acadêmico são tópicos propostos pelas lideranças das cinco regiões do Brasil para o Encontro de Goiânia. Também será debatido o acirramento do racismo, o aprofundamento das desigualdades e a concentração de riquezas, feminicídio de mulheres negras, assassinato de jovens negros e negras, encarceramento e precarização do trabalho.

SERVIÇO

O que: Angela Davis no Encontro Nacional de Mulheres Negras 30 anos: Contra o Racismo e a Violência e Pelo Bem Viver - Mulheres Negras Movem

o Brasil

Quando: 06 a 09 de dezembro de 2018

Onde: Goiânia - Goiás - Centro de Convenções da PUC TV

Por Ascom Encontro

Angela Davis: “Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”

Filósofa norte-americana exortou que o feminismo negro defenda punições alternativas à prisão. Professora defendeu que movimento no Brasil, incluindo o das domésticas, seja referência para EUA

[\(El País, 27/07/2017 - acesse no site de origem\)](#)

“As pessoas me perguntam: ‘Você já esteve no Rio?’ Não. ‘Você já esteve em São Paulo?’ Não. Mas estive em Salvador e de novo e de novo”, derreteu-se [Angela Davis](#) rendendo de vez o auditório da Universidade Federal da Bahia (UFBA) nesta terça-feira. As pessoas que lotavam as cadeiras e as galerias, muitas reluzindo vastas cabeleiras afro em jogo com a de Davis - do graúna das fotos históricas, agora seu fios estão agora quase brancos -, ouviram a filósofa e ícone da luta pelos [direitos civis](#) dos EUA conclamar contra os que considera algozes, do [Governo Trump](#) ao sistema carcerário mundial “depositário dos humanos considerados lixo”: “Com a força e o poder das mulheres negras desta região, nós resistiremos”.

Leia mais: [A lição de Angela Davis, por Djamila Ribeiro \(CartaCapital, 31/07/2017\)](#)

Davis comemorou que sua sexta visita ao Brasil desde os anos 90, a quarta apenas em Salvador, uma das cidades mais negras do Brasil, coincidissem com o Dia Internacional da Mulher Negra Latino Americana e Caribenha, 25 de julho. Em seu discurso de quase uma hora, a professora emérita do departamento de estudos feministas da Universidade da Califórnia criticou o encarceramento como meio de combater a violência de gênero: “Quão transformador é enviar [alguém que cometeu violência contra uma mulher para uma instituição que produz e reproduz a violência](#)? As pessoas saem ainda mais violentas da prisão. Adotar o encarceramento para solucionar problemas como a violência doméstica reproduz a violência que tentamos erradicar”, afirmou na mesa de conferências imponente formada por mulheres negras.

A ativista argumentou que é preciso relacionar a violência de gênero a “violências institucionais” para buscar outras maneiras de combater o sexismo: “Não são as pessoas individualmente que decidem que a violência é a resposta; são as instituições ao nosso redor que estão saturadas de violência. Se o Estado usa a violência policial para solucionar problemas, há a mensagem de que a violência também pode ser usada para resolver problemas em outras esferas como os relacionamentos. Não podemos excluir a violência de gênero de outras violências institucionais”, pontuou a filósofa.

Preso em 1970 acusada de conspiração e homicídio após envolvimento com o movimento dos Panteras Negras nos EUA e pesquisadora sobre o sistema carcerário, a ativista estabeleceu as relações entre o sistema escravista e o sistema prisional. “No passado houve quem defendesse a manutenção da escravidão de forma ‘mais humanizada’. Esse argumento não nos faz sentido, mas há os que defendem a reforma do sistema carcerário hoje. A escravidão e o cárcere são instituições de repressão estruturadas no racismo. Abolir o sistema carcerário nos faz pensar a sociedade em que esse sistema de punição emerge e buscar novas formas de justiça”, defendeu.

Davis lembrou a trajetória de mulheres negras brasileiras e enfatizou a sua importância na construção de novas lideranças e de novos formatos de liderança. Questionou seu lugar como difusora privilegiada das ideias do feminismo negro por ser norte-americana. “As mulheres dos EUA têm muito

a aprender com a longa história de luta do feminismo negro no Brasil.” “Mãe Stela de Oxossi me falou sobre a importância das mulheres negras na preservação das tradições do candomblé. Vi a importância de Dona Dalva para manter a tradição do samba de roda no Recôncavo Baiano”, contou. Ela também elogiou o movimento organizado bem sucedido das trabalhadoras domésticas negras. “Nos EUA não conseguimos estruturar essa categoria com sucesso. A liderança dessas mulheres não se estrutura naquele individualismo carismático masculino que vimos no passado. É um tipo de liderança que enfatiza o coletivo e as comunidades onde vivem”, afirmou ela.

A professora fez questão de mencionar [Carolina Maria de Jesus, autora de Quarto de despejo](#), um diário de uma moradora de favela em São Paulo dos anos 60, para dizer que a escritora “nos lembrou que a fome deveria nos fazer refletir sobre as crianças e o futuro”. Também disse que a antropóloga e ativista baiana Lélia Gonzalez foi pioneira nas conexões entre raça, classe e gênero quando pouco se falava nisso. “Ela já falava sobre os elos entre negros e indígenas na luta por direitos. Essa é uma das lições que os EUA podem aprender com o feminismo negro daqui.”

Davis foi ovacionada ao dizer que considera o movimento das mulheres negras o mais importante do Brasil hoje “na busca por liberdade”. Antes de Salvador, num encontro internacional sobre feminismo negro e decolonial em Cachoeira, ela já havia defendido o poder de transformação da mobilização: “Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela, porque tudo é desestabilizado a partir da base da pirâmide social onde se encontram as mulheres negras, muda-se a base do capitalismo”.

A conferência na UFBA foi encerrada com a insistência de Davis na necessidade de novas abordagens feministas sobre o sistema carcerário. “Não reivindicamos ser incluídas em uma sociedade profundamente racista e misógina, que prioriza o lucro em detrimento das pessoas. Reivindicar a reforma do sistema policial e carcerário é manter o racismo que estruturou a escravidão. Adotar o encarceramento como estratégia é nos abster de pensar outras formas de responsabilização. Por isso, hoje faço uma chamada feminista negra para abolirmos o encarceramento como forma dominante de

punição e pensarmos novas formas de justiça.”

Alê Alves

Angela Davis: ‘O encarceramento em massa nunca trouxe soluções para conter a violência’

No Dia Internacional da Mulher Afro-Latina e Caribenha, ex-presa política e ativista conversou com jornalistas e ministrou conferência na UFBA.

[\(HuffPost Brasil, 26/07/2017 - acesse no site de origem\)](#)

“Em primeiro lugar boa tarde a todos e a todas. É uma honra enorme estar aqui, na Universidade Federal da Bahia, mais uma vez”. Esta é a quarta vez que a professora, ativista e filósofa [Angela Davis](#), 71, vêm à Bahia, e sua sexta visita ao Brasil. “Talvez por isso seja uma vergonha eu não ter aprendido a falar português ainda”, brincou, em coletiva de imprensa nesta terça-feira (25), na reitoria da UFBA (Universidade Federal da Bahia). “Tenho certeza que quando eu aprender, vou descobrir muitas outras coisas positivas”, concluiu.

Davis, além de reiterar o carinho que tem pelo Brasil e por pensadoras brasileiras como Lélia Gonzalez, afirmou que as universidades brasileiras têm muito a ensinar para as norte-americanas, em termos de colocar em prática as ações afirmativas de combate ao racismo como, por exemplo, as cotas raciais; e destacou a importância de um pensamento abolicionista do que ela batiza de “sistema industrial carcerário”, tema que permeia seus estudos desde 1970:

“Se partirmos do pressuposto que o que devemos fazer é simplesmente

encarcerar essas pessoas para, então, eliminar a violência de gênero, na verdade, estamos colaborando ativamente na continuidade da reprodução da violência que estamos tentando erradicar”.

Segundo dados do [Infopen](#), a população carcerária brasileira é composta por 94% de homens, mais da metade (55,07%) tem até 29 anos de idade e, ainda, 61,67% é de negros ou pardos, com baixa ou nenhuma escolaridade. 40% do total (quase 250 mil) é de presos provisórios, ou seja, pessoas que se encontram cerceadas em sua liberdade sem terem sido julgadas.

Grande crítica do sistema judicial no mundo, Davis, ao longo dos anos, tem realizado discussões e estudos sobre o chamado “abolicionismo penal”, por entender que existe uma relação entre encarceramento em massa e escravidão que, na verdade, reforça um “instrumento de perpetuação da violência”, e não o combate a ela.

“Uma pergunta a ser feita pode ser: o quão transformador é o ato de simplesmente mandar um homem que cometeu violência contra mulher para uma instituição que simplesmente reforça e produz ainda mais violência? Ou será que simplesmente essa retribuição vingativa, seria suficiente? Ou nós estamos realmente comprometidos a purgar a sociedade deste tipo de violência?”, questiona.

Ainda segundo o relatório brasileiro, a população prisional brasileira no Sistema Penitenciário em 2014 era 579.781 pessoas, levando em consideração as prisões estaduais e federais. Desse total, 37.380 são mulheres e 542.401, homens. Entre as mulheres, cerca de 50% têm de 18 a 29 anos. A maioria, duas em cada três presas, é negra.

Os dados do Infopen também mostram que, em números absolutos, o Brasil está em quinto lugar na lista dos 20 países com maior população prisional feminina do mundo, atrás dos Estados Unidos (205.400 detentas), da China (103.766) Rússia (53.304) e Tailândia (44.751).

Davis expõe que é igualmente importante se pensar o assunto entrelaçando gênero, raça e classe “dentro e fora dos Estados Unidos”, e pontua:

“Podemos argumentar que, no que diz respeito à punição, o Estado é o

agente punitivo para os homens. Mas formas de punição que são consideradas privadas — que nos referimos a elas como violência doméstica — afeta muito mais mulheres do que os homens [...]. Isso também nos indica que simplesmente aprisionar homens não acaba com a violência contra as mulheres. Provavelmente só terá o efeito de exacerbar essa violência.”

A visita ao Brasil

Desde os anos 1980 Angela Davis faz constantes visitas ao Brasil. “As pessoas me perguntam: ‘Você já esteve no Rio?’ Não. ‘Você já esteve em São Paulo?’ Não. Mas estive em Salvador e de novo e de novo”, disse, ao iniciar conferência na UFBA. Desta vez, a vinda da ativista, que é referência mundial no enfrentamento antirracista e do pensamento crítico feminista, fez parte do evento “Julho das Pretas”, organizado por coletivos feministas baianos, que promoveu ações durante todo o mês.

Para marcar o dia 25 de Julho, Dia Internacional da Mulher Afro-Latina e Caribenha, a filósofa e ex-presa política ministrou a conferência “Atravessando o tempo e construindo o futuro da luta contra o racismo”. Com mais de 400 alunos e convidados, o salão nobre da reitoria da UFBA atingiu sua capacidade máxima.

O grupo de poesia [“Slam das Minas”](#) deu início ao evento e, em seguida, ao lado de lideranças do movimento negro do Brasil e autoridades acadêmicas da Bahia, Davis citou a luta das mulheres negras no Brasil e destacou que as norte-americanas têm muito a aprender com “a movimentação que está acontecendo por aqui”, especialmente sobre luta por direitos e reconhecimento de violências:

“Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela, porque tudo é desestabilizado a partir da base da pirâmide social onde se encontram as mulheres negras, muda-se a base do capitalismo”.

A conferência foi transmitida ao vivo, pelo canal estudantil TVE. Assista abaixo:

Na década de 70, Angela Davis integrou um braço do grupo Panteras Negras nos Estados Unidos e foi membro do Partido Comunista. Ela foi presa e ficou mundialmente conhecida pela mobilização da campanha “Libertem Angela Davis”, [que deu nome a um documentário, dirigido por Shola Lynch](#). Atualmente, ela é professora emérita do departamento de estudos feministas da Universidade da Califórnia e desenvolve trabalho intenso sobre a questão prisional nos Estados Unidos.

Leia trechos da entrevista coletiva:

Arte x Política

*“Como alguém que já esteve envolvido em diversos tipos de ativismos durante décadas, minha percepção é que nós estamos encorajando as novas gerações a utilizar a arte de outra maneira. E qualquer movimento que tenha expectativa de provocar uma mudança duradoura deveria reconhecer a importância da comunicação entre diferentes gerações. Certamente as novas gerações tem muito a aprender com o conhecimento acumulado e a experiência de gerações anteriores e, parece que, ainda mais importante é o fato de que as gerações mais velhas tem muito a aprender com as gerações mais jovens. E, como eu tenho aprendido e visto, **esta é a geração que não tem medo**. É a juventude que ousa buscar o novo, que utilizar essa imaginação de tal maneira que possamos trilhar caminhos ainda não trilhados.”*

O papel da universidade

*“Se você me pergunta qual deveria ser o papel da universidade, eu diria que deveria ser exatamente nutrir ou apoiar quem faz a universidade acontecer. **E isso levará à liberdade e à justiça para todos nós**. Mas vocês sabem que as universidades, geralmente, estão frequentemente associadas às elites e, portanto, tornam-se também uma arena para um espaço de disputa e para a luta contra o racismo — e também uma luta em prol de modos de produção de estudos que nos levem a reconhecer a conexão entre o conhecimento e a liberdade. **Mas eu devo dizer que estou muito impressionada com o sistema de educacional brasileiro, do que o norte americano**. Visto que temos discutido ações afirmativas durante*

décadas, com um impacto muito diminuto. E eu me lembro quando começaram os debates em torno de ações afirmativas aqui na Bahia. E hoje, eu vejo consequências concretas. A Universidade Federal do Recôncavo Bahiano nos proporciona uma evidência concreta de que é possível garantir acesso à educação formal para a população que historicamente foi excluída. Isso não significa que os problemas foram resolvidos. **Mas eu posso dizer que podemos aprender, nos Estados Unidos, com os exemplos brasileiros e o que é possível alcançar com essas medidas**".

O sistema carcerário industrial

"Como alguém que trabalhou contra esse sistema durante a maior parte de minha vida, de minha trajetória, eu, juntamente com outras pessoas que estão engajadas nessa luta comigo, percebi que este tipo de punição que está associada ao encarceramento, ao aprisionamento, **tem mantido ligações muito óbvias com os sistemas de escravização**. Essa relação entre o sistema carcerário e a escravidão não é só uma questão de estabelecer analogias. Mas é uma questão de genealogia. Isso não parte do pressuposto daqueles que argumentam que este sistema escravocrata deveria ser mantido como instituição, que deveria ser transformado em uma instituição 'mais humanizada'. Isso não faz nenhum sentido. Então, nós dizemos que, lutar pela **reforma do sistema carcerário** é uma forma de **manter o racismo e a repressão** do encarceramento, do aprisionamento. E, portanto, **a abolição é a estratégia que abraçamos**. Mas a abolição nos exige a fazer perguntas não somente sobre o sistema de punição, mas também como a sociedade constitui esse sistema de punição. Esse sistema é voltado e tem o objetivo de manter o sistema a partir do qual ele emerge. **E essa noção de abolição visa reformar essa sociedade para que não haja mais a necessidade de dar atenção a medidas de repressão**. A abolição do sistema carcerário nos convida a pensar a construir uma sociedade onde não haja racismo, sem estruturas heteropatriarcais, sem estruturas capitalistas, onde há educação livre e acesso gratuito ao sistema de saúde. E isso é uma mensagem diretamente colocada para pessoas que se encontram no poder nos Estados Unidos. Portanto, é uma luta para transformar a sociedade. De maneira sucinta, é uma luta abraçada pelo socialismo".

O encarceramento e as mulheres negras

“É muito importante e necessário pensarmos sobre as circunstâncias dentro do sistema carcerário feminino em uma perspectiva global. Geralmente, é visto que o problema do encarceramento em massa é uma questão referente ao homens. Porque, sim, os homens constituem a vasta maioria daqueles que se encontram encarcerados mundo afora. E isso certamente é verdade. Mas não significa que não podemos adquirir bastante conhecimento sobre esse sistema, se observamos especificamente as circunstâncias que envolvem o sistema carcerário feminino — e as mulheres inseridas nele. Abordagens feministas naquilo que chamamos de sistema carcerário industrial, nos leva a investigar tanto por meio de pesquisas acadêmicas, como por meio do ativismo radical que, sim, há uma conexão entre a violência institucional, por um lado, e a violência individual (ou aquela que acontece em relações íntimas).”

Então, você vê, começamos, a princípio, falando de uma parcela apenas do sistema carcerário. Mas desenvolvemos, a partir daí, percepções mais amplas e significativas dentro desse sistema.

*“Podemos argumentar que, no que diz respeito à punição, o **Estado é o agente punitivo para os homens**. Mas formas de punição que são consideradas privadas — que nos referimos a elas como violência doméstica — afeta muito mais mulheres do que os homens. E, então, isso nos auxilia a refletir sobre o sistema carcerário. Muitas mulheres apontam para o fato de que, desse mundo dos “livres”, elas têm vivenciado a violência sexual também. Quando apenas visitam a prisão, elas são submetidas a revistas constrangedoras e invasivas como revistas vaginais e no reto. Isso também constitui violência sexual. Isso também nos indica que simplesmente aprisionar homens não acaba com a violência contra as mulheres. **Provavelmente só terá o efeito de exacerbar essa violência**. E esse é um argumento bastante convincente em prol da abolição do sistema carcerário.”*

“Quando a gente olha para as condições de pessoas trans encarceradas, principalmente mulheres trans, elas são também alvos do racismo. E, assim,

compreendemos o sistema carcerário mais uma vez, de maneira ampla. Observamos também como esse sistema carcerário tem uma característica de gênero. Então, você vê, começamos, a princípio, **falando de uma parcela apenas do sistema carcerário**. Mas desenvolvemos, a partir daí, percepções mais amplas e significativas dentro desse sistema. E não somente do sistema carcerário como um sistema de punição, mas um aparato do Estado que sustenta percepções ideológicas amplas de raça e de sexismo dentro da sociedade como um todo. E me desculpe pelo tamanho da minha resposta. Mas essa é uma conversa com a qual eu poderia falar durante horas” [risos].

Abolicionismo prisional x feminismo

“É interessante observar novamente que, quando refletimos sobre encarceramento, ou aquilo que chamamos de encarceramento em massa, nós caracterizamos isso como um problema que afeta apenas os homens. Nós falhamos ao reconhecer que além dos grandes números, existem mulheres que estão encarceradas (e eu entendo que aqui no Brasil 2/3 de mulheres que estão encarceradas são negras, eu estou correta?). Além disso, aquelas que são mais afetadas pelas políticas de encarceramento são mulheres, independente de estarem presas. Elas são casadas com esses homens. Eu sei que, nos Estados Unidos, quando vamos às salas de visitas nas prisões, você descobre um número enorme de mulheres negras. Mas, em contrapartida, as mulheres negras também tem sido protagonistas contra esse sistema que está tão saturado pelo racismo. E eu acho que vocês, que são jovens, neste momento específico da história, tem muita sorte de serem jovens. **Vocês estão experimentando a emergência de uma consciência que deveria ter sido desenvolvida há muitas gerações atrás**. E este é o papel que as mulheres negras sempre tiveram: lutar contra instituições de repressão e racistas. Mas, finalmente, estamos reconhecendo que as mulheres têm capacidade de exercer cargos de liderança — e eu utilizo a palavra ‘mulher’ em todas as suas expressões possíveis, incluindo mulheres trans — e que essa liberdade tem algo bastante diferenciado da liderança individual do passado, a liderança individualista carismática — que, nos Estados Unidos, por exemplo, podemos falar de Martin Luther King e Malcom X. Mas, de forma alguma, buscamos desacreditar o papel que ambos tiveram. **Afirmar**

isso é reconhecer que, neste momento, estamos prontas para novos modelos de liderança: formações ou modelos de lideranças feministas, não em um indivíduo, mas em coletivo. E eu estou muito feliz de poder testemunhar o desenvolvimento dessas outras formas no Brasil, nos Estados Unidos e em outras partes do mundo.”

Rafael Braga e os presos políticos do mundo

“Me parece que, por ser uma pessoa que já foi prisioneira política e, reconhecendo que só estou aqui falando com vocês muitas décadas depois do que aconteceu... Eu vejo que a minha liberdade, em parte, só aconteceu, no porque as pessoas se uniram em âmbito global para exigir isso. Esses movimentos para libertar presos políticos deveriam ser continuados. Rafael Braga e outros prisioneiros políticos aqui no Brasil, em Israel, aqueles que estão aprisionados no continente europeu por estarem engajados na luta contra a islamofobia e o racismo, e também, ainda hoje ainda a existência continuada de presos políticos nos Estados Unidos, como [Leonard Peltier](#), um prisioneiro político de descendência indígena que passou quase quarenta anos encarcerado; [Mumia Abu Jamal](#), que é o prisioneiro político mais conhecido nos EUA atualmente e também o caso de [Assata Shakur](#), que continua a viver no exílio, em Cuba.”

O abolicionismo x naturalização

“É claro que eu estou ciente que a população carcerária do Brasil é uma das maiores do mundo, apenas ficando atrás de Estados Unidos, China e Rússia. Mas eu também estou ciente de que, assim como no Brasil e outras partes do mundo, a luta contra a violência de gênero tem sido crucial, principalmente, dentro do âmbito dos movimentos feministas. Geralmente, pressupõe-se que, para que termos uma abordagem abolicionista, necessariamente ela seria uma forma de minimizar a gravidade da violência em um ambiente doméstico — e é um questionamento válido porque, afinal de contas, temos lutado por muitas décadas para garantir que a violência de gênero fosse reconhecida pelo Estado -. Mas, sobre isso, uma questão é a seguinte: nós podemos mensurar a gravidade ou o valor de uma acusação, pela quantidade ou intensidade da punição? Outra pergunta a ser feita pode ser: o quão transformador é o ato de simplesmente mandar um homem que cometeu

violência contra mulher para uma instituição que simplesmente reforça e produz ainda mais violência? Será que simplesmente essa retribuição vingativa, seria suficiente? Ou nós estamos realmente comprometidos a purgar a sociedade deste tipo de violências? **O encarceramento nunca resolveu os problemas para os quais pressupõe-se que seriam as respostas.** Não há menos roubos ou assaltos em função do encarceramento. Não há menos assassinatos porque as pessoas estão indo para a prisão. **Mas um fato é: as pessoas saem da prisão ainda mais violentas do que eram quando entraram.”**

Se o Estado utiliza a violência policial para resolver problemas de maneira punitiva, então ele dissemina a mensagem que a violência pode ser uma solução para os problemas domésticos também.

“Então, se nós estamos realmente dedicados a expurgar a violência de gênero de nossas sociedades, nós não estaremos portando, desejosas de encontrar outras formas de cobrar essa responsabilidade? Outras formas de reduzir a violência de gênero? xxx publicou um livro sobre essa questão, que se chama *A Justiça Aprisionada: A mulher negra o sistema carcerário e a justiça*. Ela argumenta que nós conseguimos ganhar o âmbito mais amplo, mas que perdemos os movimentos sociais. Porque a medida que abraçamos as soluções do encarceramento com soluções para violência de gênero, é também abraçar processos que levam a uma expansão do número de encarceramentos no mundo. E dessa forma também abrimos mão do nosso dever de pensar outras formas para a erradicação da violência de gênero. Mas, na verdade, são as instituições ao nosso redor que estão tão saturadas com violência. Se o **Estado utiliza a violência policial para resolver problemas de maneira punitiva, então ele dissemina a mensagem que a violência pode ser uma solução para os problemas domésticos também.** O ponto é que isso é muito mais complicado do que parece ser. E, então, se pressupomos que simplesmente o que devemos fazer é encarcerar essas pessoas para eliminar a violência de gênero, na verdade, **estamos colaborando ativamente na continuidade da reprodução da violência de gênero que estamos tentando erradicar.”**

Angela Davis na Bahia: 'Mulheres negras são a esperança da liberdade'

“Não reivindicamos inclusão numa sociedade racista, misógina, patriarcal e capitalista. Afirmamos o feminismo abolicionista”, diz filósofa e ativista feminista norte-americana

[\(Rede Brasil Atual, 26/07/2017 - acesse no site de origem\)](#)

A filósofa e ativista norte-americana Angela Davis, símbolo da luta pelos direitos civis da população negra, esteve ontem (25) em Salvador, na Universidade Federal da Bahia ([UFBA](#)), para falar da luta das mulheres negras, em um momento “difícil” no qual o mundo assiste a uma guinada à direita, com a ascensão de Donald Trump nos Estados Unidos e o “golpe antidemocrático” ocorrido no Brasil. Para um auditório lotado, a professora do Departamento de Estudos Feministas da Universidade da Califórnia afirmou que, após a derrubada de Dilma Rousseff, o movimento das mulheres negras criou “a melhor esperança para o futuro do Brasil”.

A vinda de Angela Davis ao Brasil faz parte das celebrações do [Dia da Mulher Negra Latino-Caribenha](#), comemorado nessa terça-feira, com atos em diversas partes do país, e também do Julho da Pretas, que marca o mês com discussões e palestras sobre a identidade negra. Ela destacou a longa história de luta pela liberdade e a herança cultural e religiosa das mulheres negras na Bahia, citando, como exemplo, a Irmandade da Boa Morte, uma confraria de mulheres negras que existe desde o século 19.

Em palestra intitulada “Atravessando o tempo e construindo o futuro da luta contra o racismo”, ela afirmou ser “indescritível” a sensação de viver num país liderado por Trump. “Nós resistiremos. Em todos os dias da administração Trump, resistiremos. Resistiremos ao racismo, à exploração

capitalista, ao hetero-patriarcado, à islamofobia e ao preconceito contra pessoas com deficiência. Defenderemos o meio ambiente dos ataques insistentes e predatórios do capital.”

Angela também fez menção ao movimento Black Lives Matter (As Vidas dos Negros Importam), que, nos Estados Unidos, vem ganhando destaque nos últimos anos pela luta contra a violência policial que atinge mais incisiva e cotidianamente a população negra.



Auditório lotado na UFBA (Foto: Juh Almeida)

“Nós sabemos que as transformações históricas sempre começam pelas pessoas. Essa é a mensagem do movimento Black Lives Matter. Quando as vidas negras começarem a realmente importar, significara que todas as vidas têm importância. Quando a vida das mulheres negras importar, o mundo será transformado e saberemos, com certeza, que todas as vidas importam”, destacou a ativista.

Angela Davis também denunciou a política de encarceramento em massa, que também se desdobra em racismo institucional, já que afeta desmedidamente a população negra, e destacou a necessidade de se combater as formas institucionais e individuais de violência e cerceamento de liberdades dessas populações, mas sem esbarrar em uma perspectiva de vingança.

“Esta é a chamada feminista negra por formas de justiça que não sejam vingativas. Mulheres negras representam o futuro. Mulheres negras são a esperança de liberdade. Não reivindicamos inclusão numa sociedade racista, misógina, patriarcal e capitalista. Afirmamos o feminismo abolicionista”, afirmou.

Após a palestra, ela respondeu a perguntas de estudantes e jornalistas, e destacou a importância das manifestações culturais nos movimentos de resistência, como foi a música para o movimento abolicionista nos Estados Unidos, e ressaltou a importância de integração entre os jovens, que

preservam a vitalidade da luta, e os mais velhos, que conservam o conhecimento acumulado. “Qualquer movimento que tenha expectativa de provocar uma mudança duradoura, deveria reconhecer a importância da comunicação entre diferentes gerações.”

Ela também manifestou [solidariedade a Rafael Braga](#), jovem negro preso nas manifestações de 2013, por portar uma garrafa de desinfetante, considerado como material explosivo pelas forças de segurança e pela Justiça, e frisou a necessidade de cooperação internacional para a libertação de presos políticos.

Assista à palestra na íntegra, transmitida pela *TVE Bahia*:

Curso de Black Feminism com Angela Davis

O Curso Internacional “Decolonial Black Feminism in The Americas” é uma iniciativa de uma rede internacional de organizações feministas e descoloniais que traz à Cachoeira a filósofa e ativista Angela Davis, referência internacional das lutas anti-racista e feministas contemporâneas. As professoras Ochy Curiel, da Colômbia, e Gina Dent, dos Estados Unidos, também serão docentes do curso, que é voltado a pesquisadores, ativistas e feministas negras brasileiras e de outros países e tem como propósitos: a) fomentar o compartilhamento de experiências e conhecimentos entre as participantes; b) deslocar a geografia da razão, motivo pelo qual foi escolhido o Brasil e, em especial, a cidade de Cachoeira, conhecida pela centenária irmandade feminina negra da Boa Morte, e c) propiciar e ampliar o diálogo entre o Feminismo Negro e Decolonial numa perspectiva de intervenção junto aos movimentos sociais e a universidade. Com isso, pretendemos criar um espaço de interlocução onde a reflexão, as estratégias de intervenção e atuação política caminhem lado a lado.

Pensamento de Angela Davis é tema de curso online

Para além dos Panteras Negras: curso online discute Angela Davis como uma das pensadoras mais influentes e complexas dentro do movimento negro mundial

Racismo, Sistema Prisional, Liberdade e Feminismo são temas recorrentes dentro do pensamento da pesquisadora Angela Davis. Para discutir os temas de seu pensamento, o Coletivo Di Jeje oferecerá, entre os dias 15 de Abril e 30 de Maio, o curso “O pensamento de Angela Davis”. O curso será disponibilizado na plataforma Moodle, e será ministrado pela mestra e doutoranda Jaque Conceição, pesquisadora e coordenadora do coletivo. As inscrições seguem abertas, e você pode fazê-las [clikando aqui](#).

[\(Alma Preta.com, 05/04/2017 - acesse no site de origem\)](#)

Angela Davis tem vasta obra de linha crítica, e uma poderosa influência sobre o pensamento do movimento negro no mundo. Para além de sua história com os Panteras Negras, Angela Davis é uma intelectual orgânica em plena atividade, com mais de 5 décadas de dedicação à academia.

A responsável pelo curso, a pesquisadora Jaque Conceição, é pedagoga, mestre em Educação, História, Política e Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP), e trabalha com o pensamento de Angela Davis na discussão da Teoria Crítica da Sociedade. Em 2016, Jaque foi considerada uma das 30 mulheres mais influente do Brasil pela revista Think Olga. Para ela, um dos objetivos do curso é valorizar a produção intelectual de Angela Davis, que muitas vezes é nublada pela imagem de militante:

“O processo de desumanização no qual o individuo negro é constantemente submetido, busca reduzir suas ações ao campo dos instintos, portanto

marcado pelas pulsões. A intelectualidade é um campo marcadamente racional, ao passo que a militância é movida pela paixão do militante, embora Gramsci desmistifique isso. No caso da Davis, sobrepor sua militância, portanto suas pulsões a sua intelectualidade, é uma forma de reforçar a não humanidade do indivíduo negro. Em outras palavras, é uma faceta do racismo”, afirma Jaque Conceição.

Além da curadoria da pesquisadora, a presença de uma tutora está garantida durante o curso. O material necessário será disponibilizado na plataforma online e contém traduções inéditas do trabalho de Angela Davis para o português.

Essa será a terceira turma do curso, que se dá em seis módulos: Introdução ao pensamento de Angela Davis; Liberdade; Feminismo e Feminismo Negro; Sistema Prisional; e Racismo.



Serviço:

Curso “O pensamento de Angela Davis”

Duração: 15 de Abril a 30 de Maio.

Inscrições: [AQUI](#).

Investimento: 60 reais.

BIBLIOGRAFIA:

DAVIS, Angela Yvonne. Lectures on liberation. 1969. Universidad Madrid.
DAVIS, Angela Yvonne. An Autobiografic. 1972. New York: Random House.
DAVIS, Angela Yvonne. Women, race and class. 1981. New York: Random House.
DAVIS, AAngela Yvonne. Are prisions obsolete? 2003. New York: Seven Stories Press.

Texto: Solon Neto

Feminismo interseccional e diversidades, por Ricardo Alexino Ferreira

Há algum tempo tem ocorrido o fenômeno de criação de coletivos feministas na USP. Atualmente contabilizam 27, distribuídos em diversas unidades. Compostos de gerações de mulheres mais jovens, em sua maioria alunas, os coletivos têm marcado espaço, principalmente contra a violência a que mulheres vêm sendo submetidas.

Porém, um fenômeno também tem acontecido. Ministro na ECA-USP as disciplinas para a graduação Comunicação, Culturas e Diversidades Étnico-sociais e Comunicação, Subjetividade e Representações. As duas abordam a questão das subjetividades e elementos simbólicos, fazendo interseção com as culturas e as comunicações.

[\(Jornal da USP, 22/03/2017 - acesse no site de origem\)](#)

Há alguns semestres tenho sido tomado de sobressaltos ao falar de gênero em minhas aulas, que é um dos conteúdos das duas disciplinas. Ao abordar a temática, algumas alunas indignadas costumam dizer que não posso falar sobre gênero porque estou tirando o protagonismo das mulheres; interromper uma aluna que está se alongando em uma fala ou questioná-la

sobre determinado assunto tem sido considerado silenciamento das mulheres.

Preocupado com os diferentes casos que aconteciam em classe, resolvi perguntar aos outros professores homens se estavam tendo experiências semelhantes e descobri que sim. Palavras como silenciamento, provocações acadêmicas e retirada de protagonismo são argumentações frequentes.

Para entender melhor o processo atual, resolvi levar ao Diversidade em Ciência, programa de entrevistas que dirijo e apresento na Rádio USP, voltado para a questão das diversidades e direitos humanos, a temática. Convidei o Coletivo Poligen, da Escola Politécnica da USP, e o Coletivo Feminista Lélia Gonzalez, dos cursos de Ciências Sociais e Filosofia da FFLCH-USP.

A entrevista, que foi ao ar na segunda semana de março, foi elucidativa e pude perceber que os coletivos feministas da USP têm características diferenciadas, indo desde os de tendência radical, passando pela assistencial até a interseccional, e que não há consenso entre eles, mas um certo respeito pelas linhas ideológicas adotadas.

Venho estudando há algum tempo o feminismo, é o interseccional que considero mais interessante e contemporâneo e é sobre ele que falarei neste artigo.

Ao falar em feminismo interseccional alguns nomes são imprescindíveis, como Kimberlé Crenshaw, que cunhou este nome em 1989, Angela Davis e Judith Butler.

O feminismo interseccional é o mais interessante porque ele transforma objetos em sujeitos e as suas idiossincrasias, fazendo a interseção entre classes sociais, etnia, orientações sexuais, transexualidade, dentre outros.

A pesquisadora Kimberlé Crenshaw, que é professora de Direito da Universidade da Califórnia e da Universidade de Columbia, vem desenvolvendo o conceito e constituindo o campo teórico da interseção das desigualdades de raça e de gênero e a teoria legal afro-americana e do feminismo.

Para ela, o feminismo interseccional são “formas de capturar as consequências da interação entre duas ou mais formas de subordinação: sexismo, racismo, patriarcalismo”, conforme aborda em sua obra Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero.

Ao trazer a questão da transversalidade, Crenshaw amplifica o feminismo, movimento que muitas vezes traz mais as demandas das mulheres brancas e burguesas. Ela ressignifica os feminismos e traz para o centro dos debates as diversidades. Ela ainda reconhece que Angela Davis foi importante no processo de elaboração do conceito da interseccionalidade.

A ativista Angela Davis, ao escrever em 1981 o livro Mulheres, raça e classe, já trazia a questão da interseccionalidade, apesar da inexistência do termo. Questões sobre as mulheres negras e as suas classes foram importantes tópicos de sua obra e também o questionamento sobre a opressão da mulher negra pela mulher branca.

A obra de Angela Davis é tão contemporânea que foi relançada em 2016, com o título Angela Davis: mulheres, raça e classe, pela Editora Boitempo. O livro traz questões da história de liberdade da mulher negra, nos Estados Unidos; a campanha pelos direitos civis das mulheres negras, o movimento sufragista; as demandas das mulheres trabalhadoras; as mulheres comunistas; os direitos reprodutivos, como o aborto, dentre outros.

Outra pesquisadora e ativista que vai possibilitar o entendimento da interseccionalidade é a filósofa Judith Butler, da Universidade da Califórnia, em Berkeley, com a Teoria Queer.

A Teoria Queer é apresentada na obra Problemas de gênero, de Butler. Essa teoria vai afirmar que a identidade sexual e a orientação sexual são construções e que não existem papéis sexuais essenciais ou biologicamente inscritos na natureza humana.

Esse pensamento vai confrontar o feminismo radical, que não considera as demandas das pessoas transexuais como sendo feministas. Diferente do feminismo interseccional, que as coloca como uma questão a ser analisada.

O filme Preciosa: uma história de esperança, de Lee Daniels, permite

entender melhor a questão da interseccionalidade. No filme, a personagem Claireece “Preciosa” Jones é uma adolescente de 16 anos, negra e obesa. É abusada pela mãe; violentada frequentemente pelo pai, de quem contrai Aids, além de ficar grávida dele, tendo uma criança com síndrome de Down. Com dificuldade de aprendizado e grávida do pai pela segunda vez, é expulsa da escola.

Considero que o filme, baseado na obra da escritora Sapphire, é uma metáfora da interseccionalidade, uma vez que transita em questões como gênero, etnia, sexualidade, estética corporal e tantas outras.

O feminismo interseccional é um dos grandes avanços para a discussão de gênero. Diferente do feminismo radical, ele alarga o debate e impede que se reduza a questão a interesses de mulheres brancas burguesas, que limitam o debate ao silenciamento de tudo que possa ser diferente delas, inclusive as suas empregadas domésticas negras, exploradas por questões de classe e etnia.

Ricardo Alexino Ferreira é professor associado/livre-docente da ECA-USP e membro da Comissão de Direitos Humanos da USP

Leia íntegra do discurso de Angela Davis na marcha das mulheres contra Donald Trump

Ato reuniu cerca de 750 mil pessoas na capital dos EUA, além de 4 milhões em várias cidades do mundo

[\(Brasil de Fato, 24/11/2016 - acesse no site de origem\)](#)

No último sábado (21), cerca de 4 milhões de pessoas, em diversos países,

participaram das marchas de mulheres por justiça social, igualdade de gênero e contra o avanço conservador no mundo, sintetizado na figura de Donald Trump, agora presidente dos Estados Unidos. A principal manifestação foi realizada em Washington, capital dos EUA, onde cerca de 750 mil pessoas se reuniram no mesmo local onde, no dia anterior, havia sido realizada a cerimônia de posse de Trump.

Entre as personalidades que participaram e discursaram no ato em Washington está a filósofa e ativista feminista Angela Davis, conhecida por ter sido uma das lideranças do Partido Comunista norte-americano e por sua militância no movimento por direitos civis no anos 1960, assim como por sua luta pública contra o racismo, o machismo e a desigualdade econômica e social nos EUA desde então.

Leia abaixo a íntegra do discurso de Davis, traduzido para o português por Juliana Borges:

“Em um momento histórico desafiador, vamos nos lembrar de que nós somos centenas de milhares, milhões de mulheres, pessoas transgênero, homens e jovens que estão aqui na Marcha das Mulheres. Nós representamos forças poderosas de mudança que estão determinadas a impedir as culturas moribundas do racismo e do hetero-patriarcado de levantar-se novamente.

Nós reconhecemos que somos agentes coletivos da história e que a história não pode ser apagada como páginas da internet. Sabemos que esta tarde nos reunimos em terras indígenas e seguimos a liderança dos povos originários que, apesar da massiva violência genocida, nunca renunciaram à luta pela terra, pela água, pela cultura e pelo seu povo. Nós saudamos hoje, especialmente, o Standing Rock Sioux.

A luta por liberdade das pessoas negras, que moldaram a natureza deste país, não pode ser apagada com a varredela de uma mão. Nós não podemos esquecer que vidas negras importam. Este é um país ancorado na escravidão e no colonialismo, o que significa, para o bem ou para o mal, a real história de imigração e escravização. Espalhar a xenofobia, lançar acusações de assassinato e estupro e construir um muro não apagarão a história.

Nenhum ser humano é ilegal!

A luta para salvar o planeta, interromper as mudanças climáticas, para garantir acesso à água das terras do Standing Rock Sioux, a Flint, Michigan, a Cisjordânia e Gaza; a luta para salvar nossa flora e fauna, para salvar o ar - este é o ponto zero da luta por justiça social.

Esta é uma Marcha das Mulheres e ela representa a promessa de um feminismo contra o pernicioso poder da violência do Estado. É um feminismo inclusivo e interseccional que convoca todos nós à resistência contra o racismo, a islamofobia, o anti-semitismo, a misoginia e a exploração capitalista.

Sim, nós saudamos o 'Fight for 15' [luta por salário mínimo de 15 dólares por hora nos EUA]. Dedicamos nós mesmas para a resistência coletiva. Resistência aos bilionários exploradores hipotecários e gentrificadores. Resistência à privatização do sistema de saúde. Resistência aos ataques contra muçulmanos e imigrantes. Resistência aos ataques contra as pessoas com deficiência. Resistência à violência do Estado perpetrada pela polícia e por meio da indústria do complexo prisional. Resistência à violência de gênero institucional e doméstica, especialmente contra mulheres trans negras.

Direitos das mulheres são direitos humanos em todo o planeta. E é por isso que nós dizemos 'Liberdade e Justiça para a Palestina!'. Nós celebramos a iminente libertação de Chelsea Manning e Oscar Lopez Rivera. Mas também dizemos 'Liberdade para Leonard Peltier! Liberdade para Mumia Abu-Jamal! Liberdade para Assata Shakur!'

Nos próximos meses e anos nós estamos convocadas a intensificar nossas demandas por justiça social e nos tornarmos mais militantes em nossa defesa das populações vulneráveis. Aqueles que ainda defendem a supremacia masculina branca e hetero-patriarcal devem ter cuidado!

Os próximos 1.459 dias da gestão Trump serão 1.459 dias de resistência: resistência nas ruas, nas escolas, no trabalho, resistência em nossa arte e em nossa música.

Este é só o começo. E termino nas palavras da inimitável Ella Baker: 'Nós que acreditamos na Liberdade não podemos descansar até que ela seja alcançada!' Obrigada."

Confira sua fala legendada: